

(RE)DESCOBRINDO CARTOGRAFIAS INVISÍVEIS: uma proposta de cartografias do espaço público entre concebido, percebido e vivido

(Re)Discovering Invisible Cartographies:

a proposal for cartographies of public space among conceived, perceived and lived

(Re)Descubriendo Cartografías Invisibles:

una propuesta de cartografías del espacio público entre concebido, percibido y vivido

Andrei Mikhail Zaiatz Crestani; Universidade Positivo; contato: andreizaiatz@gmail.com
Camila Schnepfer Beraldo; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; camila.s.beraldo@hotmail.com
Pedro José Assis; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; pedrojozeassis@hotmail.com

RESUMO

Este texto tem como problema central: como a cartografia crítica do cotidiano pode reorientar o estudo do espaço público? Metodologicamente, o trabalho estrutura-se em dois momentos: teórico e analítico. Inicialmente são articulados conceitos que amparem a noção de cartografia crítica voltados ao estudo do espaço público. Posteriormente é explorado de forma ensaística o eixo Rua Barão do Rio Branco - Rua Riachuelo, em Curitiba PR, nas dimensões concebida, percebida e vivida da produção do espaço público. Ao final, as cartografias possibilitam reconhecer que as imbricações das três dimensões se sustentam entre silêncios e pronunciamentos que são igualmente intensos na produção do espaço público. Tal exercício metodológico revela a cartografia do cotidiano como caminho de estudo, na medida em que supera os mapeamentos tradicionais e oportuniza que o cotidiano desdobre questões e conteúdos invisíveis que sustentam a produção do espaço público.

Palavras-chave: Espaço público, Cartografia crítica, Cotidiano, Curitiba

Linha de Investigação :

B1_Teoria e História da Cidade e do Território;

ABSTRACT

This text questions: how can critical cartography of everyday life reorient the study of public space? Methodologically, the work is structured in two moments: theoretical and analytical. Initially, some concepts are articulated to elucidate the idea of "critical cartography" at the study of public space. Subsequently, the axis Rua Barão do Rio Branco - Rua Riachuelo, in Curitiba PR, is explored in an essayistic approach, in the conceived, perceived and lived dimensions of the production of public space. In the end, the cartographies make it possible to recognize that the imbrications of the three dimensions are sustained between silences and pronouncements that are equally intense in the production of public space. Such a methodological exercise reveals the cartography of everyday life as way to study of public space, insofar as it overcomes traditional mappings and makes it possible for the daily content to unfold invisible issues and contents that sustain the production of public space.

Keywords: Public Space, Critical cartography, Everyday life, Curitiba

Linha de Investigação:

B1_Theory and History of the City and the Territory;

RESUMEN

Este texto tiene como problema central: ¿cómo la cartografía crítica de lo cotidiano puede reorientar el estudio del espacio público? Metodológicamente, el trabajo se estructura en dos momentos: teórico y analítico. Inicialmente se articulan conceptos que sustentan la noción de cartografía crítica para el estudio del espacio

público. Posteriormente, el eje Rua Barão do Rio Branco - Rua Riachuelo, en Curitiba PR, es explorado de forma ensayística, en las dimensiones concebidas, percibidas y vividas de la producción del espacio público. Al final, las cartografías permiten reconocer que las imbricaciones de las tres dimensiones se sostienen entre silencios y pronunciamientos igualmente intensos en la producción del espacio público. Tal ejercicio metodológico revela la cartografía del cotidiano como ruta de estudio del espacio público, pues supera los mapeos tradicionales y posibilita la vida cotidiana desplegar temas y contenidos invisibles que sustentan la producción del espacio público.

Palavras chave: Espaço público, Cartografía crítica, Cotidiano, Curitiba

Linha de Investigação

B1_Teoría e Historia de la Ciudad y el Territorio;

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal propor novas formas para a interpretação da produção do espaço público contemporâneo a partir de cartografias críticas relacionando, pelo cotidiano, suas dimensões: concebida, percebida e vivida.

Se por um lado como arquitetos e urbanistas nos ocupemos da cidade como espaço de reflexão e prática, por outro a bibliografia produzida na área mostra que nossa consideração às relações sociais e políticas que constituem a cidade como espaço social é historicamente tardia, sendo por muito tempo uma discussão retida no âmbito estético, de gestão e/ou desenho funcional¹.

A dimensão física do espaço público tem sua importância não como mero desenho ou manifestação tangível de determinações legais, mas especialmente porque ampara e é elemento ativo na realização da dimensão social (sensível pelas trocas cotidianas com o outro, tecida no tempo entre relações de memória, identidade e apropriação coletiva) e política (como lugar que restitui a possibilidade do exercício do direito dos cidadãos e de suas diferenças, locus da interação entre sujeitos políticos conscientes que podem transformar sua realidade a partir de suas práticas).

Espaço público se produz na reunião dessas distintas – mas complementares – dimensões de realização. Nesse sentido, é próprio de sua natureza a dificuldade de postular uma conceituação e metodologia particular e inequívoca sobre a qual se possa apoiar sem a necessidade do debate. Ao contrário, é precisamente pela trama de relações e dimensões que envolvem o seu significado e realização que parece mais adequado pensá-lo antes como questão que não se encerra, do que como uma ideia que possa fixar-se universalmente.

Considerando a indissociabilidade de suas dimensões física, social e política, a arquitetura e urbanismo pouco se propôs em traçar uma trajetória metodológica e prática capaz de oferecer uma abordagem mais integrativa dessas relações. Ocupamos muito da materialidade, enquanto nos desviamos do sentido social e político do espaço. Quando muito, falamos de trajetórias, apropriações e, ainda assim, fixamos tais dinâmicas em “médias” aproximadas, sem explorar, temporalidades, tensões, disputas, sentidos simbólicos e políticos.

É sobre essa composição de um olhar “outro” no estudo da cidade que essa pesquisa se debruça, deslocando-se da posição habitual de certeza sobre como mapear relações e traduzir a realidade, para investigar como interpretar de modo mais profundo o espaço público, e como cartografias do cotidiano poderiam conduzir um processo de questionamento de certezas sobre o Espaço Público.

2. Espaço público - um conceito constante realização

O marco teórico em torno do conceito "espaço público" parte de uma leitura articulada entre quatro principais autores que tratam de aspectos físicos, sociais e políticos concernentes ao espaço público: Hannah Arendt, Jürgen Habermas, Ervin Goffmann e Richard Sennett. Não se pretende aqui traçar uma recomposição

¹ Camillo Sitte no século XIX estudou a cidade e o espaço público do ponto de vista da qualidade de vida, mas com ênfase sobre o espaço estético e cenográfico. Le Corbusier reduz a abordagem do espaço público a questões estruturais e funcionais. Kevin Lynch estuda nos anos 60 “A imagem da cidade”, preocupado em entender a percepção do espaço a partir dos sujeitos, mas nada avançando sobre aspectos sociais, culturais e político do público.

do debate de suas obras. Tampouco de uma retomada do percurso de cada um em torno do tema – a discussão aqui não se propõe a isto².

Longe da pretensão de contornar todas as nuances envolvidas no debate dos autores, se apresenta uma síntese teórica mínima que permite encaminhar o “tom” admitido para o artigo. No que tange ao posicionamento do que seria o espaço público:

1) uma realização (dinâmica; não fixa) de ordem física, social e política, que 2) implica correspondências entre materialidade e imaterialidade da cidade, 3) as quais se dão entre sociabilidades integrativas entre os sujeitos e o contexto. Essas sociabilidades 4) viabilizam a participação de indivíduos plurais em suas práticas, resguardando a 5) possibilidade do conflito e dissenso como força produtiva da cidade e a 6) liberdade de apropriações socioespaciais múltiplas pela ação e pela palavra (CRESTANI, 2017).

Pressupõe-se que os processos de produção da cidade contemporânea demarcam uma época de transição (ALVEZ; RIZEK, 2012), convocando a investigar de novas maneiras sobre a realização do espaço público, concentrando-se nas forças, fluxos, lógicas que tendem a descentrar a vida pública e as relações entre sujeitos e cidade (ARROYO, 2007).

Em termos de Brasil, conforme Cymbalista (2016): nos encontramos em uma sociedade que tem dificuldades estruturais com a noção de espaço e esfera pública, sem reconhecê-las como um lugar formal onde a sociedade encontra uma plataforma de reivindicação, onde pertence e deve ser cuidada por todos. Isso tem a ver com nossa história de um país que se desenvolveu modernamente, se industrializando e mantendo traços estruturais das desigualdades escravocratas e colonialistas.

Recentemente, a população tem tentado enfrentar estas gigantescas carências de espaço público (físico, social e político) que caracteriza o contexto brasileiro. Wisnik (2016) denota como todos esses movimentos coletivos têm atuado de modo muito presentista, buscando reconhecer o espaço público como aquilo que é “meu aqui e agora”, que se efetive independente de largos e onerosos projetos de melhorias urbanas. O que se enuncia nestes movimentos libertários são perspectivas de efetivação ou pelo menos formulação, inclusive, de direito a cidade no sentido instrumental, via autonomia.

A ideia do presentismo está ligada à ideia de urgência de resgate da transformação da cidade pela apropriação. Enquanto nos anos 60 se colocava em perspectiva uma transformação utópica futura da realidade, hoje os movimentos que batalham pelo direito à cidade são mais ancorados no presente, em movimentações heterotópicas em termos de uma transformação pela fricção do real, com perspectiva de emancipação, e não por um modelo ideológico que se crê como uma espécie de base para uma mudança da realidade no futuro.

Tal abordagem convoca um olhar crítico que acompanhe a movimentação de lugares e poderes; que, se desprendendo dos mapas tradicionais, assuma o desafio de uma cartografia que persiga mais os fluxos do que as posições fixas, admitindo rompimentos; que considere a realidade como algo em formação que tem seus desdobramentos pelo(s) tempo(s) e espaço(s) do cotidiano (FILHO; TETI, 2013). Nesta experiência do imprevisível, a proposta é de que o cotidiano deve ser retomado como *locus e momentum* para o rastreamento de interações coletivas que reavivam a experiência política da vida em comum na cidade; que restitua nosso contato com a realidade; autonomia; alteridade; exercício da diferença e possibilidade do conflito.

Ao sustentar-se na fecundidade do cotidiano, a tese Lefebvrina configura uma via para estudar a cidade contemporânea (CARLOS, 2015). Investimos no cotidiano como campo exploratório-analítico de cartografias outras da realidade sob a suspeita de que por aí possamos aproximar-nos de modo crítico das interrelações físicas, socioculturais e políticas do espaço público na tentativa de avançarmos positivamente sobre as possibilidades de sua reconquista.

Pretende-se contribuir para a construção de um cartografar na condição processual das conformações e significações da vida urbana, questionando-se os pressupostos da representação e

² A revisão extensiva das obras está disponível na tese de doutorado de um dos autores: “Zonas de entremeio: possibilidades outras na investigação do espaço público contemporâneo”, 2017.

atentando-se para a ideia de que o exercício cartográfico é também produção e criação, mobilizado pela atitude investigativa do sujeito-pesquisador co-implicado no campo de forças que pretende analisar.

3. Da proposta de cartografias críticas

Este trabalho propõe questionar o olhar metodológico habitual no estudo da cidade, indo especificamente em direção a análise e interpretação do espaço público a partir de cartografias críticas.

A cartografia é aqui um termo conscientemente eleito e distinto de mapa. O mapa supõe uma orientação “permanente”, um tanto ordenadora do espaço (que serve para direcionar quem o lê), embora não esteja objetivamente “acima” ou “além” do que representa. Como representação, é este o alcance de um mapa, ou seja, deveríamos desmistificar a perspectiva de qualificar mapas “científicos/pragmáticos” ou “mapas conceituais/abstratos” porque na prática todos são expressivos de discursos subjetivos do espaço que queiram reforçados, evidenciados.

Harley (1989) elucida os mapas como: expressão de um conjunto particular de interesses culturais, históricos e políticos. Como Crampton (2001) também esclarece: os mapas podem ser entendidos pelo que eles subjagam(o que Harley [1988] chamou de silêncios e segredos). O autor continua: a maneira de interpretar mapas não é como registros da paisagem, mas traçando a forma como eles incorporam o poder (na criação / regeneração de relações de poder institucionais) e estão impregnados em relações de poder. (CRAMPTON, 2001).

A cartografia, diferentemente, é expressiva de um processo que admite maior abertura, sem necessidade de apontar um acabamento preciso e fechado (HARLEY, 1989). É claro que as cartografias também englobam intenções políticas tanto relativas aquilo se decide cartografar, como de que modo se operacionaliza sua apresentação (RENA, 2015). Entretanto, a cartografia comparece mais como meio investigativo do que como representação fim.

Navegar admitindo uma cartografia a descobrir permite abordar cada pedaço do território urbano como um canal de entrada para uma série de informações não inscritas em seus mapas oficiais. A pura fisicalidade da arquitetura do espaço público não consegue informar seu conteúdo. É assim que os gestos, corpos, palavras, história, olhares, acenos, etc, serão a ênfase na descoberta dos níveis de realização e investigação do espaço público.

4. Procedimentos metodológicos

Este trabalho caracteriza-se como **exploratório** e de uso **aplicado**, objetivando gerar conhecimentos para aplicação teórica e analítica do espaço público. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, é **qualitativo**, em que a interpretação dos fenômenos e significados são as bases do processo.

O objeto de experimento aqui é o eixo Rua Barão do Rio Branco - Riachuelo, em Curitiba, a fim de produzir um conjunto de ensaios teórico-empírico-analíticos que permitam validar o procedimento metodológico. Os pressupostos fundamentais que acompanham o exercício empírico-cartográfico no trabalho de campo são:

- *não há um início “certo”*: estamos falando de cartografias atentas a simultaneidades no/do espaço-tempo. Nesse sentido, a proposta é de um jeito de investigar que se encaminhe obedecendo a mesma ordem com a qual percebemos e experimentamos em campo;
- *não existe modelo a ser comprovado*: esta proposta aborda o espaço público de um modo inquisitivo, seguindo uma determinada trajetória, a qual não é a única e desde a qual não somos capazes de avistar todas trajetórias possíveis. Mais do que a reafirmação de um modelo a ser, trata-se da proposta de alternativa do retorno ao cotidiano perseguindo rastros que revelem formas diversas da realização/significação do espaço público;
- *os momentos do cotidiano (como campo) são condutores do procedimento e do argumento*: dará chance ao desdobrar da investigação em campo a partir de rede de práticas, histórias e narrativas do cotidiano.

Para tal, o cotidiano comparece no sentido Lefebvriano - que não é da mera repetição, mas do espaço da imprevisibilidade que oportuniza que o novo apareça: “Na apropriação (cotidiana) se colocam as possibilidades da invenção que faz parte da vida e que institui o uso que explora o possível ligando a produção da cidade a uma prática criadora” (CARLOS, 2007, p. 12).

O alcance do quadro teórico-prático Lefebvriano ultrapassa o universo desta pesquisa, abrangendo escopos de análise que não são aqui explorados³. Entretanto, o modo como o autor desenvolve a compreensão da cidade como espaço social, associando sua (re)produção ao cotidiano como *momentum* e *locus* criativo, direciona a exploração da dimensão vivida, ativa – primordial para o debate do espaço público como forma social e política. Seu programa questiona o pensamento cartesiano e matemático do espaço – tão arraigado na arquitetura e urbanismo⁴ –, para recuperar e argumentar em favor das práticas sociais à centralidade da produção do espaço.

Lefebvre argumenta o espaço como obra que não pode ser sintetizada como objeto autônomo. Propõe uma tríade – “três momentos” – como planos que interatuam e atravessam o cotidiano: espaços percebido, concebido e vivido. Essas três dimensões existem e se relacionam no cotidiano em estado de incerteza, sem hierarquia, pré-disposição, ou ordem a ser obedecida entre elas.

As dimensões “percebido, concebido e vivido” são propostas como chaves de entrada de cartografias críticas para a exploração de apropriações e desvios de distintas ordens no cotidiano:

A apropriação não pode se confundir com uma prática próxima dela, mas distinta: o desvio. Um espaço existente, tendo tido sua finalidade (sua razão de ser, condicionando formas, funções, estruturas) pode se encontrar vago e em seguida desviado. [...] O desvio e a reapropriação dos espaços têm um grande sentido e podem servir de ensinamento para a produção de espaços novos (LEFEBVRE, 2006, p. 234).

É nisto que Lefebvre pontua como a “produção de espaços novos” que encontramos pistas para formas alternativas de realização e investigação do espaço público: quando apropriações, desvios e reapropriações revelam outras feições e significados da forma e conteúdo de determinada realidade.

O **quadro 01** ilustra as conexões até aqui estabelecidas como plano de referência do procedimento empírico-analítico proposto. A abordagem de cartografias dos “três momentos” se coloca como um exercício de descoberta de conteúdos que cruzam, interagem e conformam intensidades expressivas de momentos criativos do espaço público.

A tríade Lefebvriana participa de um pensamento dialético. Então a separação entre o percebido, concebido e vivido se dá apenas para efeito de análise e exposição da reflexão. Na medida em que espaço público também é forma social e política, é impossível negligenciar a relação sujeito-espaço-sujeito como centralidade deste programa de pesquisa. O sujeito é aqui parte do social e que expressa sentidos que não dizem respeito apenas à uma experiência de individualidades, mas a relações amplas que produzem o espaço social do qual ele participa. O **quadro 02** – como desdobramento do quadro 1 – explicita uma proposta de como este sujeito-praticante se articula com as linhas de entrada investigativa.

³ Outros trabalhos se debruçam sobre a pesquisa da teoria de Lefebvre, por exemplo, “O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade” (CARLOS, 2007).

⁴ Embora possa existir uma compreensão da arquitetura e da cidade como preocupações sociais, um distanciamento abstrato e matemático ofusca a tarefa fundamental da construção da cidade como produção de espaço social (COLEMAN, 2015, p.59).

PROCEDIMENTO EMPÍRICO

OBJETIVO: INTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO POR CARTOGRAFIAS CRÍTICAS EM SUAS DIMENSÕES FÍSICA, SOCIAL E POLÍTICA

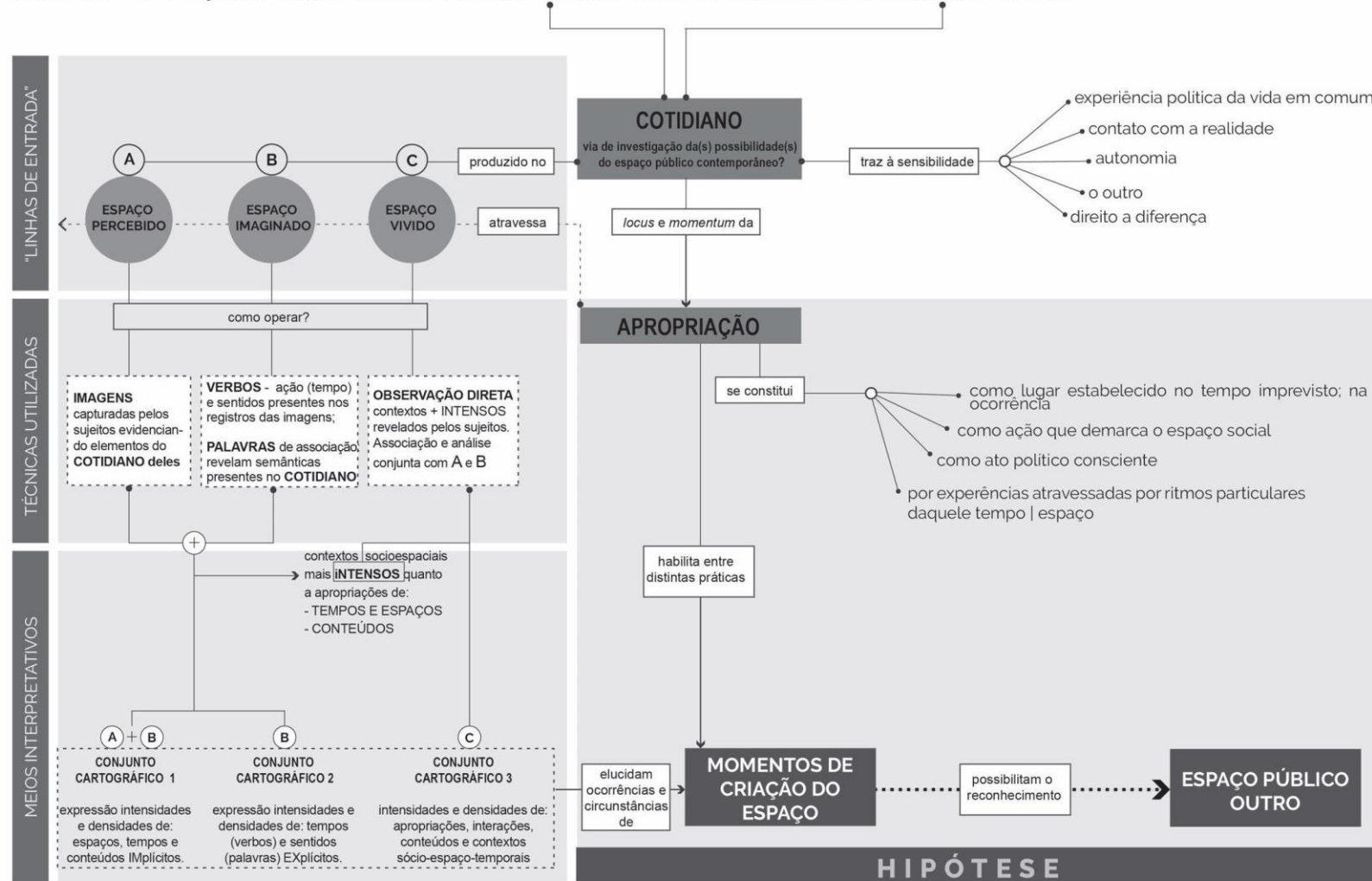


Fig. 1 Procedimento Empírico. Fonte: Autoral.

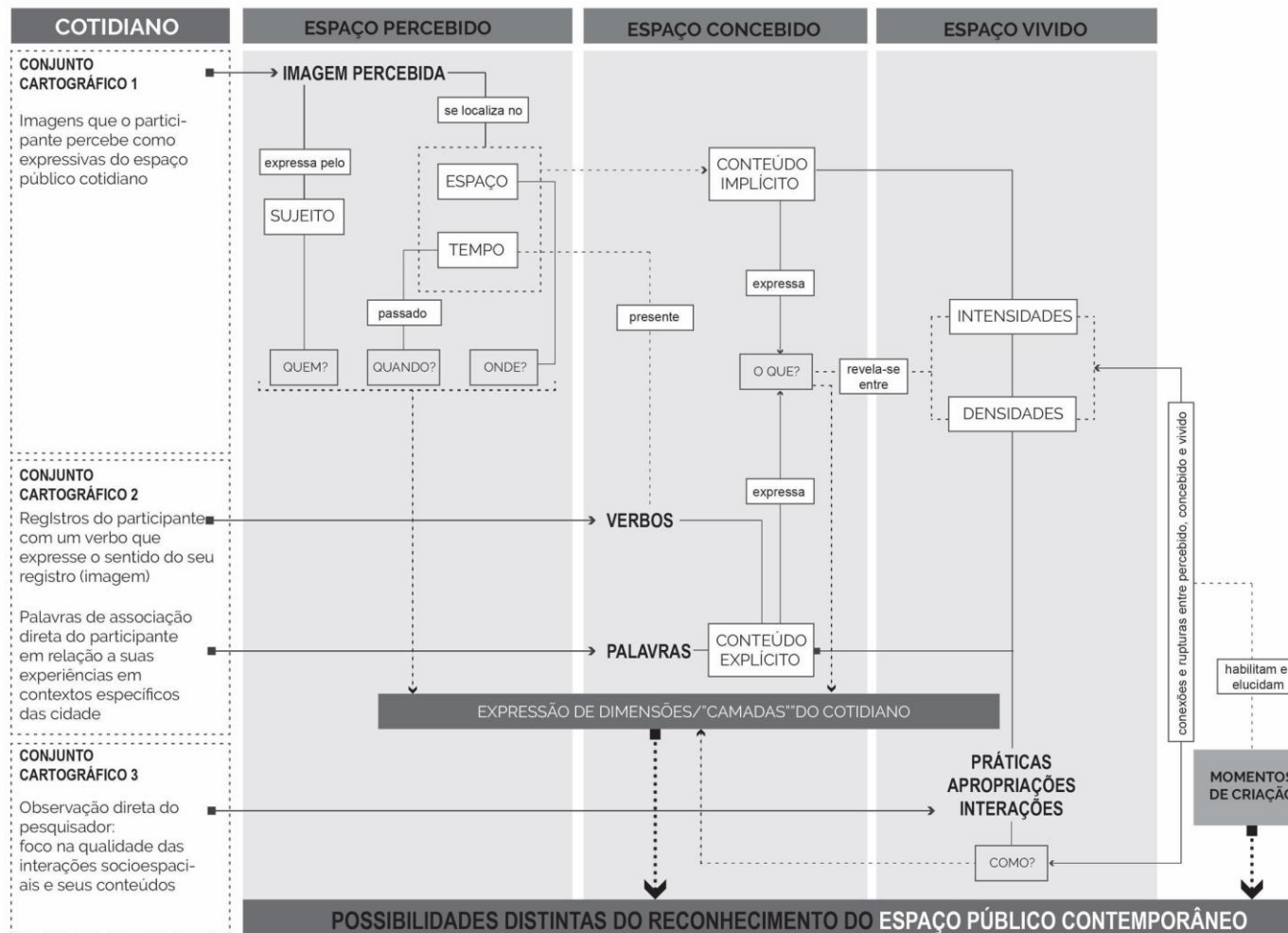


Fig. 2 Método de análises. Fonte: Autoral

Tendo entendido o arcabouço do procedimento, resgata-se os passos que os resultados irão explorar:

- a) Estudo ensaístico do cotidiano do eixo Ruas Barão do Rio Branco-Riachuelo buscando, a partir das cartografias, (re)conhecer como se manifestam as dimensões física, social e política de produção do espaço público entre apropriações cotidianas plurais;
- b) Concluir como relações do cotidiano do espaço público, descobertas a partir das cartografias, contribuem para a investigação de processos e sentidos da (re)produção da cidade;

5. O percebido, vivido e concebido no eixo Barão do Rio Branco e Riachuelo

As ruas "Barão do Rio Branco e Riachuelo" compõem um dos mais antigos eixos contínuos no centro de Curitiba, passou por diversos momentos históricos distintos, assumindo diferentes identidades ao longo do tempo. É abordado aqui como plataforma de experimentação ensaística de cartografias do percebido, concebido e vivido do espaço público.



Fig. 3 Localização do eixo. Fonte: Autoral.

Do ponto de vista de procedimento de campo, a tecitura de cartografias do espaço público se deu da seguinte forma:

- a) para o **espaço concebido**: capturando a narrativa criada sobre eixo a partir dos discursos "oficializados" em jornais e livros sobre este recorte, comparando conteúdos que se adensam entre as versões concebidas ao longo do tempo;
- b) para o **espaço percebido**: entrevistas com atores da via, em diferentes dias e horários, em cada uma das quadras do eixo, capturando os *elos semânticos* enunciados a partir de palavras que associavam ao contexto específico onde eram entrevistados;
- c) para o **espaço vivido**: observadas práticas socioespaciais cotidianas, em diferentes situações, buscando-se qualificar os tipos de interações, contextos espaciais, os gestos, os corpos, os conteúdos presentes em cada uma;

Cada uma das dimensões desdobrou cartografias que perseguiram os sentidos que se revelavam pelo procedimento de campo. O tempo de experiência cartográfica contínua foi de 7 meses, contendo modificações, expansão, redirecionamentos, rupturas das cartografias, as quais são sintetizadas aqui com o adensamento de análise sobre alcances e limites que elas permitem revelar quanto as forças e fluxos que sustentam os sentidos da produção do espaço público deste eixo estudado.

5.1 O concebido do eixo Barão-Riachuelo

Sob as lentes do concebido, o eixo se mostra metamórfico. O pólo desenvolvido pela estação ferroviária, em um extremo do eixo, magnetiza inicialmente este ponto como um marco social, tendo em 1891 recebido a Câmara Municipal - na época Palácio do Congresso Provincial- demarcando a "primeira imagem" da Barão do Rio Branco como pólo político. Anos se passaram e o foco político foi deslocado pelo eixo, chegando ao atual Paço da Liberdade, 1916.

Em ambas perspectivas (gestão e população), existe um silêncio no registro daquilo que se concebe entre 1916 e 1969. Neste último ano, o eixo perde sua identidade política com a saída da prefeitura do Paço Municipal, que migra para o atual centro cívico da cidade. O eixo desenvolve então sua "segunda imagem": comercial; sustentado por diversas lojas e sua condição de corredor de trocas.

No entanto, com a emergência do sistema BRT de transporte, e a remoção do bondinho nos anos 70 - que fomentava o movimento - o eixo inicia a "terceira imagem" que perdurou por 30 anos: como a "zona vermelha da cidade", o que é reforçado pelo "silêncio" da gestão ali neste período, o que posteriormente exigiu estratégias da gestão para encobrir o aspecto "marginal" associado a este recorte histórico.

O sucesso da transformação da Rua XV de Novembro - transversal à Barão-Riachuelo - em pedonal nos anos 70, via essa que possui morfologia muito díspar das em análise, sugeriu à gestão a oportunidade de replicar essa intervenção na Riachuelo. Em 1974 a via foi transformada em pedonal, gerando revolta nos comerciantes, que viam o espaço cada vez mais degradado, inativo e sem função pela ausência do antigo fluxo. Diversas foram as reclamações e tentativas (públicas e privadas) para reativar o espaço, até que no ano de 1995 volta a ser aberta aos carros, impactando no fluxo do local, mas, sem solucionar os problemas herdados do momento anterior, pois a recorrência dos assaltos e violência seguiu e incrementou a degradação da via.

Nos anos 90 várias foram as reformas do eixo, apesar disso, o espaço concebido desta fase mantém a imagem "marginal". Apenas após os anos 2000 é notório como a imagem concebida do eixo se atualiza, assimilando agora uma versão "cultural", através da ação ativa da gestão implantando museus e eventos culturais, retomando então um espaço concebido integrante do centro histórico curitibano, e não à sua margem.

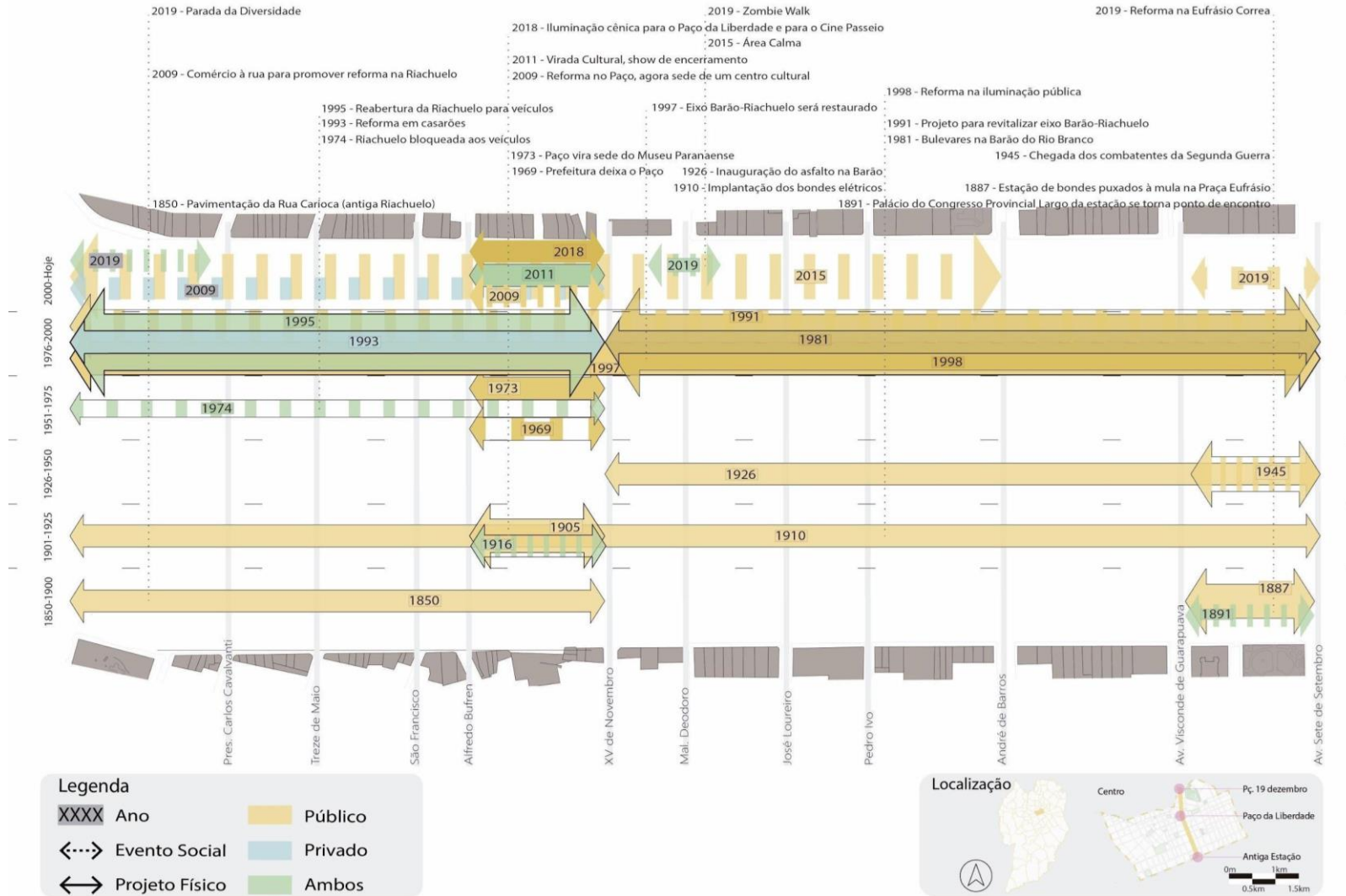


Fig. 4 Cartografia do Espaço Concebido. Fonte: Autoral.

5.2 O percebido do eixo Barão-Riachuelo

Para a investigação da dimensão do "percebido" foram feitas entrevistas 3 vezes em cada período do dia, totalizando 468 palavras, de diferentes entrevistados, que adensam disparidades entre o que se percebe do eixo. Após a pergunta: "Quando você passa por esse ponto da rua, qual é a primeira palavra que vem em sua cabeça?" As palavras foram categorizadas nas seguintes semânticas: sensação, memória, cotidiano, apreço, consumo e conflito.

A presença de palavras da semântica de conflito é maioria em quase todas as quadras - atenuado no período noturno. A quadra mais próxima do extremo da Barão do Rio Branco (representada na cartografia abaixo) é exceção, a qual aparenta ter sua semântica "positiva" relacionada a presença do shopping (espaço de trabalho) e estação tubo (transporte), em contato direto com ela.

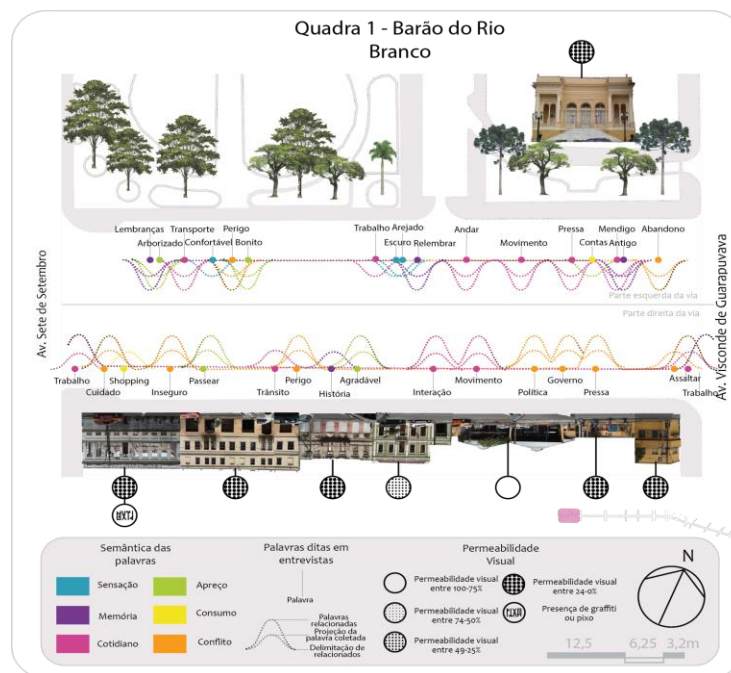


Fig. 5 Cartografia do Espaço Percebido na Quadra 1. Fonte: Autoral.

Do ponto de vista morfológico, as quadras da Barão do Rio Branco, em geral, são arborizadas, com calçadas largas, limpas e menor presença de pichação. Ainda assim, sustentam semânticas que revelam a percepção da população como local violento, principalmente onde existem edificações abandonadas onde concentram-se pessoas em situação de rua. As palavras positivas geralmente são ditas relacionadas à memória ou algo pontual. As palavras relacionadas ao consumo intensificam-se em quadras onde a venda de roupas ou lojas específicas existem.

Já na Riachuelo as palavras de conflito são recorrentes, sendo o único espaço tido como "ilha de apreço" o Paço da Liberdade. Em geral, a presença do tráfego, prostituição, uso de drogas, assaltos frequentes e etc, somado a morfologia desta rua (calçadas e caixa da via estreitas, pichações, abandono e comércio estritamente diurno) parecem favorecer a percepção negativa. A quadra que mais se diferencia é a que cruza com a R. São Francisco, tendo sido revitalizada, incentivando a abertura de bares e ativando a vida noturna na área, onde a população entrevistada lembra de situações nostálgicas na via e seu entorno. Outra quadra com um potencial diferenciado foi a onze (ver figura 6), onde existem diversas lojas de móveis, marcando a recorrência de palavras relacionadas ao consumo.

A cartografia a seguir remonta de maneira geral as semânticas que sustentam o "espaço percebido" do eixo, tendo sido utilizados infográficos para representar como o espaço público de cada quadra é retido na dimensão percebida.

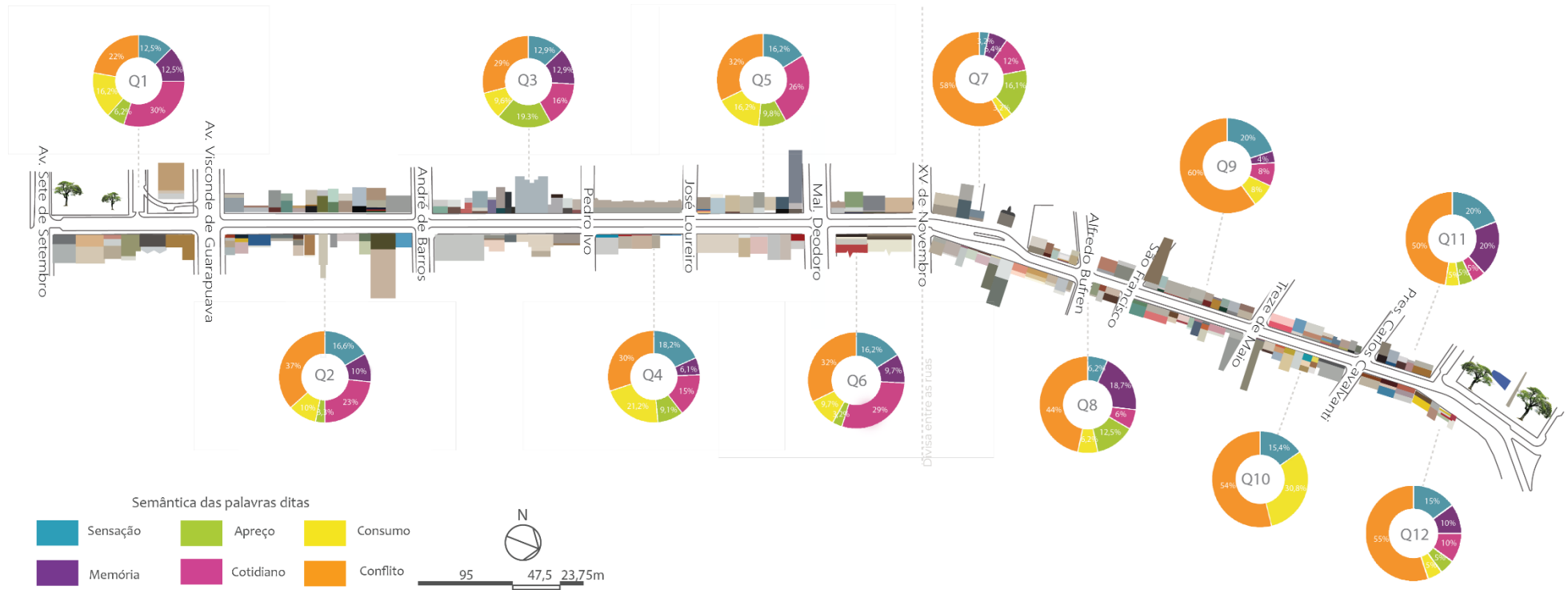


Fig. 6 Cartografia do Espaço Percebido. Fonte: Autoral.

5.3 O vivido do eixo Barão-Riachuelo

O estudo do espaço vivido foi feito cerca de 4 vezes na semana, entre meio dia e seis da tarde, horário com maior movimento na via. Entretanto, o ideal para a análise completa seria a permanência nos três períodos do dia.

Para espacializar o conjunto de cenários existentes foram levantados os seguintes pontos: ritmo das passadas, distância entre corpos, níveis de interações, tipos de apropriação, caminhos, quantidade de pessoas, permanências, usos, presença de pichação, permeabilidade visual e caixa das vias.

Os “caminhos invisíveis”, figura 7, observa os atores desse caminhar: os garis, pessoas em situação de rua, ambulantes... O desviar do transeunte em relação a estes atores, evidencia a disputa pelo espaço. Esse fato foi presente em todas as quadras, revelando o quanto alguns são ignorados na construção do tecido social pelos demais atores no espaço público.

O ritmo do caminhar, figura 8, também traz revelações, pois varia com o tipo do comércio e funções das quadras. As mais afastadas do eixo da rua XV de Novembro foi onde a presença das passadas em ritmo lento foram evidentes. Por outro lado, as centrais, onde há ampla variação de comércio e presença de prédios corporativos, é onde as passadas aceleradas são mais recorrentes.

A sensação de que a rua não reúne densidade de pessoas, mesmo havendo um número absoluto alto transitando, varia junto da sua morfologia. O recorte da praça Eufrásio Correia tem relativamente um alto movimento, porém, a largura das calçadas é generosa - entre 5 e 7 metros- causando distanciamento entre corpos, observado na figura 9. Contrastando às quadras próximas a praça 19 de Dezembro onde o fluxo permanece semelhante, mantendo maior proximidade entre os corpos.

Pôde-se observar que uma mesma rua pode apresentar cenários díspares: as tipologias de interações tendem a se assemelhar de acordo com inúmeras características do espaço físico. Assim, os trechos Praça Eufrásio Correia, Paço da Liberdade e Praça 19 de dezembro se engrandecem perante o restante, que com menor intensidade de interações acabam por desaparecer na "imagem retida pela apropriação coletiva".

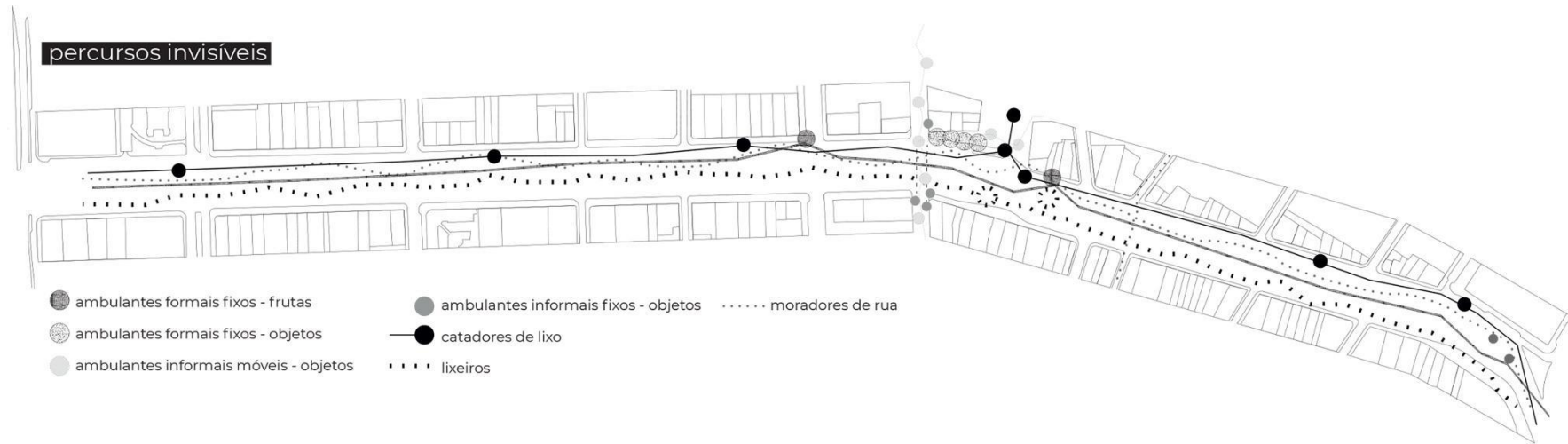


Fig. 7 Cartografia de Episódios Vivenciados. Fonte: Autoral.

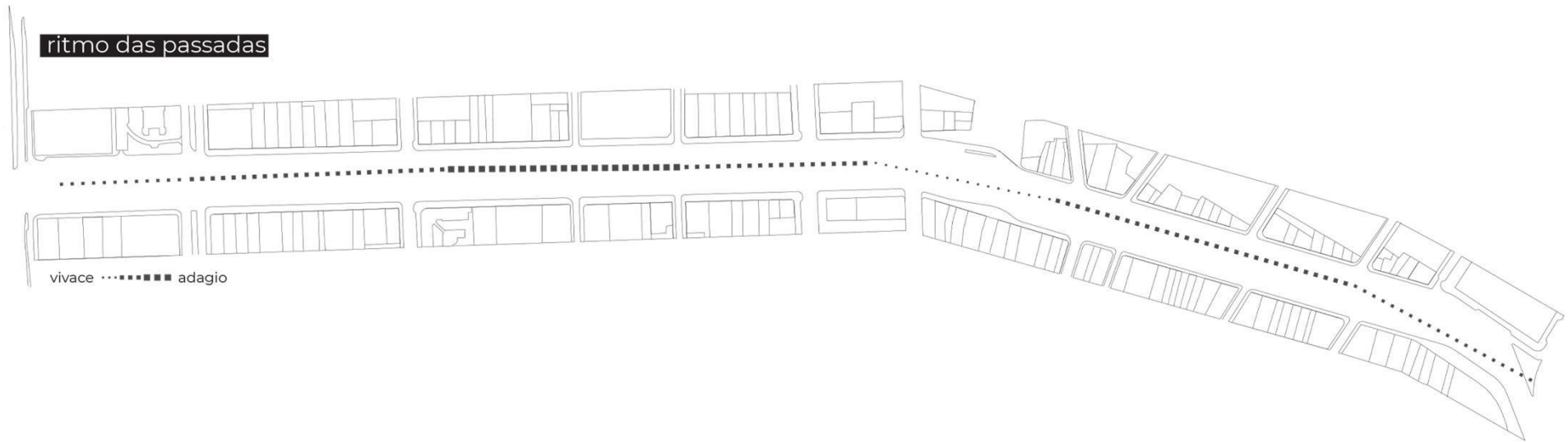


Fig. 8 Cartografia de Ritmo das Passadas. Fonte: Autoral.

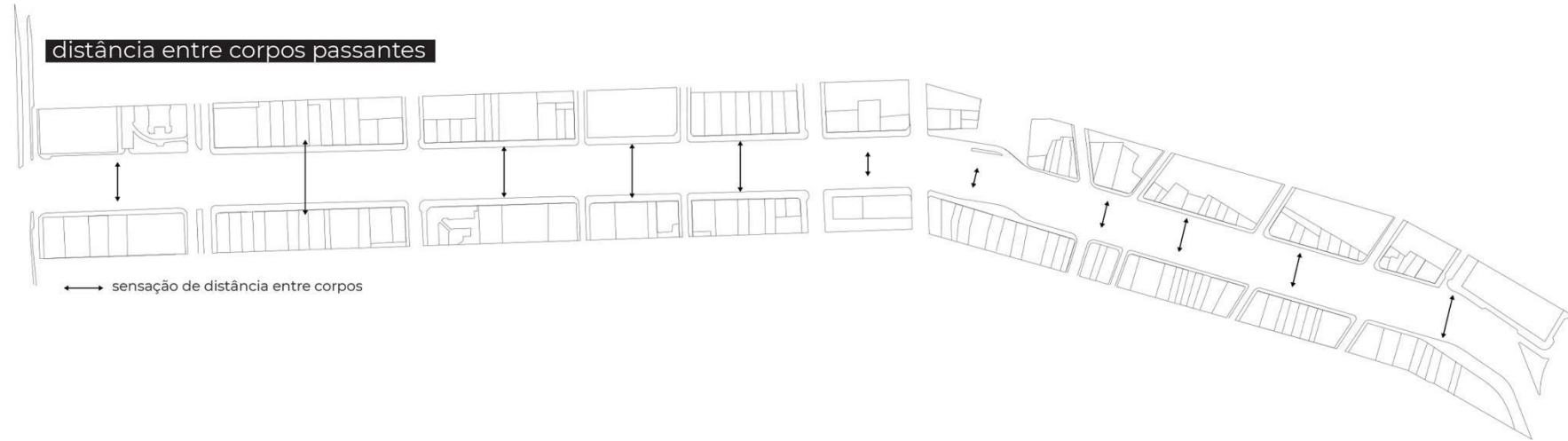


Fig. 9 Cartografia de Distância entre corpos passantes. Fonte: Autoral.

.derivas e narrativas em frames

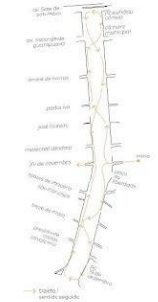
21 de março - 2019



“O errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo.”

Paola Berenstein Jacques

.percurso



.tipologias de interações



Fig. 10 Fotografias tiradas ao longo de percursos percorridos pelas Ruas Barão do Rio Branco e Riachuelo. Fonte: Autoral

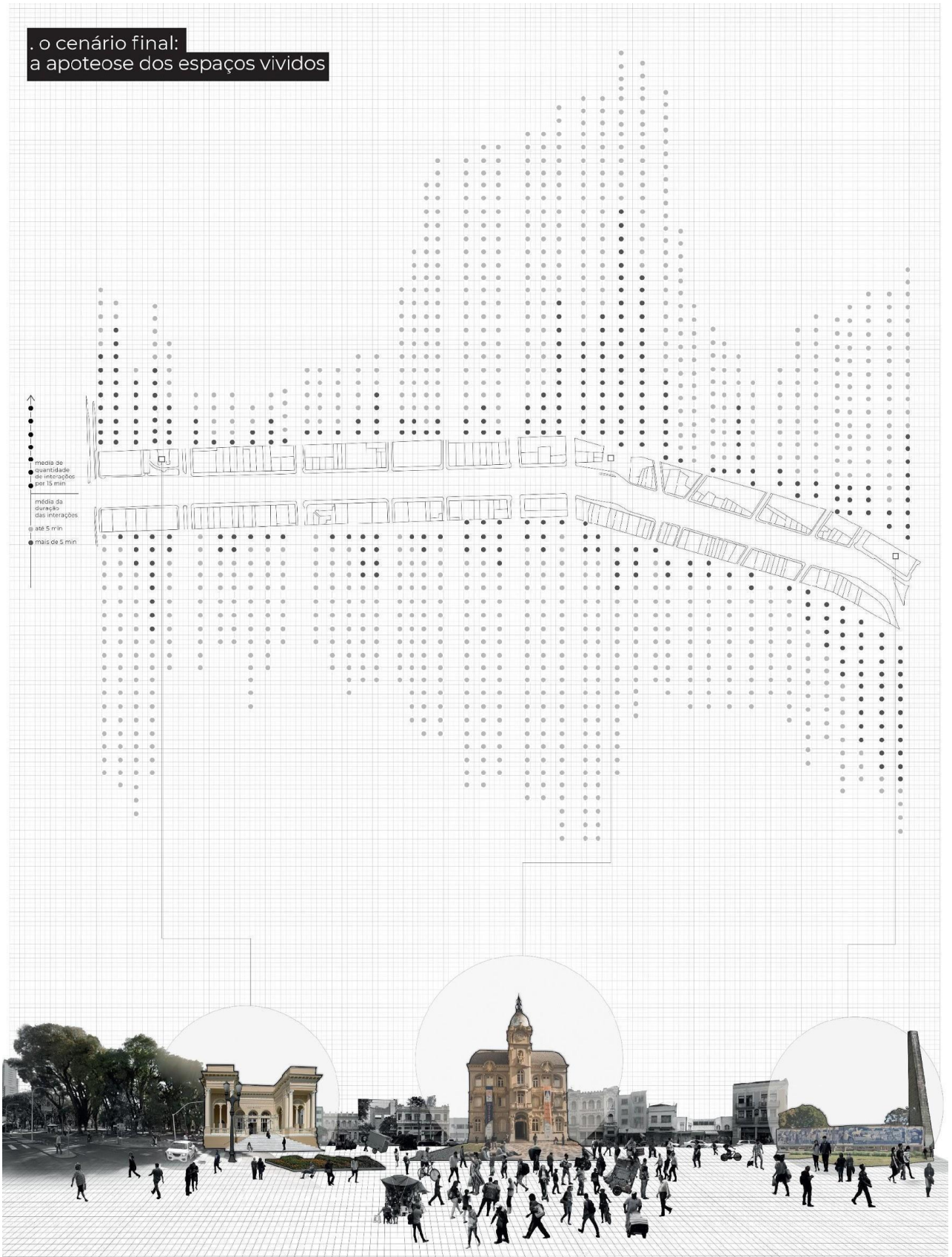


Fig. 11 Cartografia do Espaço Vivido. Fonte: Autoral.

5.4 Conclusão - dos (des) encontros entre concebido, percebido e vivido

Com a leitura das dimensões concebido, percebido e vivido no eixo Barão-Riachuelo a partir das cartografias do cotidiano, notam-se semelhanças e disparidades. A maior constante enfatizada nas três dimensões é a importância do Paço da Liberdade como espacialidade que capilariza as principais narrativas/concepções, percepções e apropriações entre os sujeitos da pesquisa.

Pelas cartografias que se desdobram é possível observar que as intensidades do espaço público, se mostram tanto pelas "falas" como pelos "silêncios". Ou seja: a história (concebido), a narração (percebido) e os corpos (vivido) denotam certas eleições daquilo que se deseja grifado e associam o contexto do Paço da Liberdade como a síntese do que permanece como representativo ao eixo Barão-Riachuelo.

No entanto, o que as cartografias também elucidam é que existem espacialidades e temporalidades que caminham no silêncio (na história - concebido), nas semânticas marginais (percebido) e nos passos rápidos de pouca interação (vivido). Isso tudo tem importância e relevo no estudo da produção do espaço público via cartografias críticas, pois tais recortes revelam uma intensidade distinta: da negação que parece expressiva de arranjos de forças que – em função do limite temporal da pesquisa – não puderam ser investigadas.

Tal resultado permite dizer que espaços e tempos memoráveis também se constituem pela escolha daquilo que se deseja esquecer. Buscamos expressar pela análise cartográfica que os silêncios e as tensões “reforçam, reiteram ou proclamam a existência e a potência daquilo que se contraria” (DEUTSCHE, 2017, p. 5).

Um conjunto de questões emerge em torno dessa reflexão: se tivéssemos o tempo hábil de investigar o que foi deixado em branco, que tipo de conteúdo descobriríamos? Que forças físicas, sociais, políticas e simbólicas motivam ou explicam tal silenciamento? As exclusões destes espaços possuem correspondências a outras internas a eles? Se sim, de qual ordem?

Outro grupo de reflexões pertinentes deriva de uma reflexão crítica de limites do procedimento empírico. Toda “montagem” que se apresente como leitura da realidade será parcial. Por maior que tenha sido o esforço de se atentar a todos os movimentos, bem como trazer com fidelidade o que os sujeitos e as experiências de campo ofereceram, nenhuma cartografia é capaz de exprimir totalmente a realidade, ela é representação e tem seu limite.

Falamos de uma cartografia de desdobramento contínuo, mas em dado momento é chegada a hora de a congelar e analisar. O fazemos então é viabilizar um tateio que lance luzes sobre aquilo que de fato existe na realidade, e é muito mais amplo e complexo do que conseguimos captar.

Quanto a isso, reconhecemos: não há instrumento infalível. O espaço público está sempre em andamento. Toda espacialização será, por fim, uma cena que congela momentaneamente movimentos como um artifício para entender os processos de produção da cidade.

Se é verdade que os sentidos do espaço público não são estáticos, modificando-se ao longo do tempo, não é possível então desprezar o fato de que o tempo também tem seus sentidos negociados socialmente (NÁJERA, 2010). Na esteira dessa reflexão, a cartografia crítica é o modo pelo qual entendemos ser possível conjugar como temporalidades e espacialidades caminham juntas, informam camadas infinitas de conteúdos que se chocam e produzem o(s) presente(s) no/do espaço público.

Referências

- Alvez, M.; Rizek, C. (2012). “*Cidade Contemporânea, Cidade do Empresariamento: aspectos da produção sócio-espacial do urbano*”. In: ‘Cidades, Fronteiras e Mobilidade Humana’, p. 149-161, Manaus, UFAM.
- Arroyo, J. (2007). *Bordas e espaço público. Fronteiras internas na cidade contemporânea*. Arqutextos, São Paulo, ano 07, n. 081.02, Vitruvius, fev.
- Carlos, A. F. (2007). *O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH.
- Coleman, N. (2015). *Lefebvre for Architects*. New York: Routledge.
- Crampton, J.(2001). “*Maps as social constructions: power, communication and visualization*”. In: *Progress in Human Geography* 25,2, pp. 235–252.
- Crestani, A. M. Z. (2017) “*In-Between Spatialities: an approach to the contemporary urban space of (t)here(s)*” Artigo apresentado e publicado nos anais da conferência LASA International Congress, Nova York, Estados Unidos.
- Deutsche, R. (2007). *Evictions: Art and Spatial Politics*. Cambridge, MIT Press.
- Filho, K.; Teti, M. (2013). “*A cartografia como método para as ciências humanas e sociais*”.In: Barbaroi, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49.
- Harley, J.B. (1988). “*Maps, knowledge and power*”. In Cosgrove, D. and Daniels, S., editors, *The iconography of landscape*, Cambridge: University of Cambridge Press.
- Harley, J. B. (1989). “*Deconstructing the map*”. In: *Cartographica*, v. 26, 1–20.
- Lefebvre, H. (2006). *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).
- Lynch, K. (1960). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Najera, I. (2010). “*El espacio urbano y su relación con la formación de identidades en el contexto de la ciudad multicultural: el caso de las trabajadoras del servicio doméstico en la Ciudad de México*”. In: *Metrópolis desbordadas Poder, culturas y memoria en el espacio urbano*. García, Alejandro Cerda (et al) (eds). México: UACM.
- Rena, N. (2015). *Design e política*. Orgs. Alemar S. A; Rena, N. Belo Horizonte: Fluxos.
- Wisnik, G.; Cymbalista, R. (2016). *Direito à cidade: um conceito para se pensar o Brasil hoje*. Podcast. 1MP3 (38:14min.). Disponível em: < <https://soundcloud.com/nexo-jornal/direito-a-cidade-um-conceito-para-se-pensar-o-brasil-hoje> >. Acesso em: 14 abr. 2018